

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Revista Veja

Class.: 15

Data 12/02/86

Pg.: 31

Ambiente

Papel invertido

A Amazônia sofre formas naturais de poluição

A imagem da Amazônia como o pulmão do mundo, uma fábrica verde de ar puro a alimentar uma civilização poluente, há muitos anos encontra-se ao desamparo das descobertas científicas. Na semana passada, pesquisadores americanos e brasileiros acrescentaram um dado a mais para desconcertar os ecologistas radicais dispostos a defender a região escudados em lendas. A Amazônia, com seus cinco milhões de quilômetros quadrados de matas, gera gases tóxicos que espalham-se por regiões vizinhas do Oceano Atlântico, perto da Ilha de Marajó, e sobre o Pacífico, na costa do Peru. Além disso, suas árvores costumam ser bombardeadas por chuvas ácidas, a con-

densação na atmosfera de compostos de enxofre produzidos pelo próprio metabolismo da selva e que, até agora, era uma modalidade de poluição privativa de regiões fortemente industrializadas. Tais conclusões fazem parte dos resultados preliminares do mais ambicioso e bem equipado programa de estudos já levado a cabo na região, o ABLE, sigla em inglês para Experimento na Camada Limite sobre Atmosfera Amazônica.

Ao longo da semana passada, trinta pesquisadores da NASA, a agência espacial dos Estados Unidos, e de diversas universidades americanas reuniram-se com seus colegas do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), em São José dos Campos, para intercambiar os dados que recolheram na selva. Entre julho e agosto do ano passado, com a ajuda de um Electra da NASA, um avião dotado de sensores capaz de captar gases em concentrações ínfimas, e de imensos balões presos ao solo, os pesquisadores lançaram-se numa completa radiografia do ar que cobre a selva amazônica. "Trata-se de uma região fabulosa que oferece desafios enormes

aos pesquisadores", diz Robert McNeal, químico da NASA que dirigiu a parte americana do projeto.

BLOQUEIO DE CALOR — Os dados recolhidos pelos pesquisadores, contudo, não devem ser interpretados como a senha para que os tratores avancem indiscriminadamente sobre as árvores. "A concentração de gases que a mata gera na atmosfera é baixíssima e de forma alguma pode ser vista como uma atividade perigosa", alerta o meteorologista Luiz Carlos Molion, do Inpe, o coordenador do programa em sua porção brasileira. A importância maior das medições feitas pelos cientistas diz respeito ao papel que a Amazônia teria no delicado balanço do mecanismo de transporte de gases na atmosfera do planeta. As atenções centraram-se especialmente no que ocorre com o monóxido de carbono produzido pelo metabolismo da floresta. Este gás, cuja concentra-

ção no ar tem aumentado em índices assustadores desde o início do século como consequência da queima de combustíveis fósseis derivados do petróleo, atua como um bloqueio ao calor. Ele impede que a energia do Sol rebatida na Terra resvale para o espaço exterior. Com isso, a temperatura do planeta tem se elevado, aos poucos mas constantemente, em até 2 graus, nos últimos trinta anos.

A Amazônia tem sua parcela de responsabilidade no aumento de monóxido de carbono na atmosfera? A resposta dos cientistas é sim. Mas eles também são unânimes em ressaltar que a transferência de carbono que as árvores fazem naturalmente para o ar tem seu próprio mecanismo de compensação. Parte do gás combina-se com outros elementos e cai em forma de chuva na Terra. A alternativa mais perversa ficaria por conta da súbita queima de uma larga porção da Amazônia pelas mãos do homem. Tal hi-

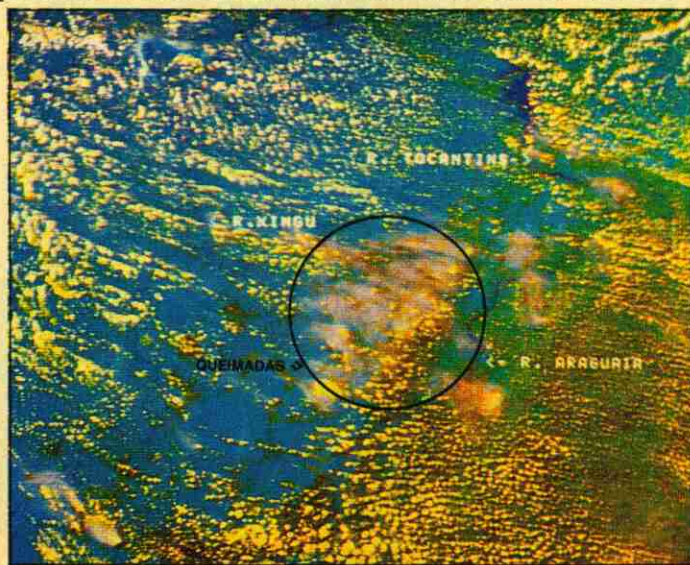
pótese poderia gerar uma quantidade de gases suficientes para desencadear uma catástrofe de dimensões planetárias com o descongelamento dos pólos e a inundação de cidades litorâneas ao redor do mundo.

Felizmente, ainda se está longe de uma situação dessas na região. Estima-se que apenas 5% da cobertura vegetal da mata tenha sido arrancada até hoje. Ou seja, uma área equivalente à da Alemanha Ocidental. O que preocupa os cientistas é o ritmo e a maneira

como a mata vem sendo retirada. Já chegou à Amazônia, por exemplo, a prática das queimadas, comuns na agricultura em todo o país. Para as dimensões continentais da Amazônia, o fenômeno não se restringe a uma agressão somente ao solo. "A área atingida pela fumaça nos surpreendeu", diz o pesquisador Alberto Setzer, do Inpe. Ele chegou a flagrar, com a ajuda dos satélites meteorológicos NOAA 8 e 9 dos Estados Unidos, uma área de 65 000 quilômetros quadrados, quase o dobro da Holanda, coberta de fumaça. "Sabemos que isso tem um efeito na atmosfera", diz Setzer. "Só não podemos quantificá-lo por enquanto."



A equipe de cientistas na Amazônia: estudos com balões e aviões



Queimadas detectadas por Setzer: efeito da mão do homem

FLAVIO BORGES

INSTITUTO DE PESQUISAS ESPACIAIS